

EDITORIAL CADERNOS IS-UP | 8

Lígia Ferro, Maria João Oliveira e Sílvia Correia
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Comissão Editorial

É com satisfação que apresentamos mais um número generalista dos *Cadernos IS-UP*, reunindo um conjunto de trabalhos que testemunham a vitalidade da Sociologia e das Ciências Sociais na compreensão das sociedades contemporâneas e na reflexão sobre os caminhos possíveis para a sua transformação.

Num contexto marcado pelo agravamento das desigualdades sociais, pela persistência de múltiplas formas de violência, pela fragilização de direitos, pela precarização de percursos de vida e de trabalho e pela rapidez das mudanças culturais, tecnológicas e institucionais, a Sociologia continua a afirmar-se como uma ferramenta indispensável para compreender o mundo que habitamos. Contudo, a sua importância vai muito além da descrição ou interpretação dos fenómenos sociais. Ao dar voz aos sujeitos, reconstruir trajetórias, analisar instituições, questionar categorias estabelecidas e tornar visíveis relações de poder frequentemente naturalizadas ou ocultadas, a Sociologia contribui também para imaginar alternativas, sustentar processos de capacitação e promover práticas de intervenção e de transformação social.

Os textos que compõem este número ilustram bem esta dupla vocação: compreender a realidade social na sua complexidade e, simultaneamente, participar de forma reflexiva e comprometida na sua mudança. A partir de contextos muito distintos, este volume evidencia a diversidade de objetos, métodos e problemáticas que mobilizam as Ciências Sociais contemporâneas e de que são exemplo as favelas da Maré, no Rio de Janeiro, uma escola pública no estado indiano de Uttarakhand, as trajetórias de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil no Brasil, os processos de requalificação sócio-identitária, as festas populares de Sobrado, no Norte de Portugal, a complexidade social dos contextos organizacionais, a história do fotojornalismo ou os sistemas de justiça no Brasil e no Canadá.

No artigo que abre este número, Mariana Oliveira apresenta uma reflexão etnográfica sobre o chamado “saber da violência”, construído por moradores, estudantes, professores e trabalhadores que vivem, estudam ou circulam pelas favelas da Maré. Com base num percurso de investigação desenvolvido entre 2018 e 2026, a autora mostra como a violência não constitui apenas uma realidade exterior aos indivíduos, mas uma experiência incorporada, interpretada diariamente através de sinais, sons, movimentos e aprendizagens sensoriais que orientam a leitura dos riscos e das possibilidades de circulação no território. O artigo oferece um contributo relevante para compreender a relação entre educação, território e violência urbana, evidenciando de que modo o acesso

à escola é condicionado por desigualdades estruturais e pela gestão quotidiana da insegurança.

No segundo artigo, Navaindu Joshi analisa as trajetórias de aprendizagem de estudantes do 9.º ano numa escola pública estadual de Uttarakhand, na Índia. Através de observação em sala de aula e de entrevistas em profundidade, o autor explora as estratégias desenvolvidas por jovens de contextos socialmente desfavorecidos para lidar com os desafios organizacionais e pedagógicos da escola. A investigação mostra que a desigualdade educativa não pode ser compreendida apenas através dos recursos disponíveis ou dos resultados académicos, exigindo igualmente atenção às formas como os estudantes interpretam, enfrentam e negociam as dificuldades do quotidiano. As experiências apresentadas revelam a articulação entre género, classe social, migração, trabalho familiar e cultura escolar na produção de oportunidades desiguais de participação e aprendizagem.

O terceiro texto, da autoria de Larissa Viana, acompanha a trajetória de vida de Enzo, um adolescente brasileiro sujeito a medidas socioeducativas, para discutir as fronteiras difusas entre trabalho infantil, ilegalidade e atos infracionais. A partir de uma abordagem etnográfica, a autora reconstrói um percurso marcado pela precariedade habitacional, insegurança alimentar, abandono escolar, violência policial e insuficiência de proteção social. O artigo desafia interpretações individualizantes da delinquência juvenil, demonstrando que a passagem do “doce ao delito” não resulta de uma rutura súbita, mas de processos continuados de vulnerabilidade. Ao evidenciar o paradoxo de um jovem que apenas acede a determinados direitos fundamentais quando privado de liberdade, a autora interpela diretamente as políticas públicas.

No quarto artigo, Maria Toscano reflete sobre o papel das metáforas nos processos de empoderamento e de requalificação socio-identitária. Partindo de experiências de investigação, formação, intervenção social e práticas performativas, a autora propõe uma compreensão da metáfora não apenas como recurso linguístico, mas como prática social capaz de mobilizar imaginários, significados e possibilidades de ação. Ao cruzar sociologia, comunicação, pedagogia encarnada e intervenção social, o texto destaca a relevância da reconstrução de narrativas nos percursos de capacitação e mudança. Recorda-nos, em particular, que transformar condições de vida implica também transformar formas de pensar, representar e projetar o futuro.

No quinto artigo, Beatriz Moreira e Natália Azevedo analisam a dimensão cultural e identitária da Festa de São João de Sobrado, no concelho de Valongo. Com base numa abordagem qualitativa que combina entrevistas, observação participante, análise documental e trabalho de proximidade com os atores locais, as autoras exploram esta celebração enquanto prática comunitária, património vivo e recurso de desenvolvimento local. O estudo evidencia a importância da tradição na construção das identidades territoriais, sem ignorar os desafios colocados pela valorização turística, pelos processos de patrimonialização e pelas

questões de sustentabilidade futura. Entre preservação e renovação, a festa emerge como um espaço privilegiado para refletir sobre as relações entre cultura popular, comunidade e desenvolvimento.

No sexto texto, Jorge Ferreira convida-nos a repensar o lugar do humano na gestão de recursos humanos, defendendo a integração de assistentes sociais nas equipas responsáveis pela gestão de pessoas. Num contexto organizacional marcado por profundas transformações tecnológicas, novos desafios em matéria de saúde mental, diversidade e inclusão, o autor argumenta que o serviço social pode oferecer contributos relevantes ao nível ético, relacional e interventivo. O ensaio desafia uma visão estritamente administrativa da gestão dos recursos humanos e propõe uma abordagem mais centrada no bem-estar, na dignidade e no reconhecimento das pessoas que trabalham nas organizações.

No sétimo artigo, Marcelo De Franceschi dos Santos apresenta uma análise histórica da industrialização da fotografia jornalística e do seu impacto nas formas de conhecer e representar o mundo social. Ao percorrer as diferentes fases que marcaram a evolução da fotografia, desde as experiências artesanais iniciais até à sua industrialização a partir do final do século XIX, o autor demonstra como este processo se relaciona com transformações científicas, económicas, políticas e culturais mais amplas. O texto sublinha que o fotojornalismo não deve ser entendido apenas como uma inovação tecnológica, mas também como uma forma social de produção e circulação de conhecimento visual, com um papel determinante na construção da experiência moderna do mundo.

Por fim, Neblina Orrico dedica-se à discussão das potencialidades e desafios do método comparativo nas Ciências Sociais, tomando como referência uma investigação sobre género e justiça no Brasil e no Canadá. Revisita contributos clássicos e contemporâneos da metodologia comparativa para refletir sobre questões como a seleção de casos, a causalidade, a generalização e a articulação entre abordagens qualitativas e quantitativas. A autora demonstra que a comparação consiste em colocar realidades lado a lado, mas também em construir categorias analíticas que permitam compreender tanto as semelhanças como as diferenças entre contextos sociais e institucionais.

Em conjunto, os artigos aqui reunidos, elaborados a partir de profissionais das Ciências Sociais, dão contributos para uma Sociologia atenta às múltiplas escalas da vida social: do corpo ao território, da escola à comunidade, da organização ao Estado, da imagem aos sistemas de justiça. Revelam igualmente a riqueza metodológica que caracteriza o campo científico social, através do recurso a etnografias, histórias de vida, entrevistas, observação participante, ensaios teóricos, análises históricas e reflexões metodológicas. Esta diversidade demonstra a capacidade das ciências sociais e da sociologia, em particular, para compreender a complexidade do mundo social.

Os trabalhos agora publicados mostram-nos que a violência se aprende e interpreta nos territórios; que a desigualdade educativa se constrói nas interações quotidianas; que o trabalho infantil e os atos

infracionais se inscrevem frequentemente em trajetórias de desproteção; que a mudança social requer novas narrativas sobre o possível; que as festas populares condensam identidades, tensões e projetos coletivos; que as organizações são espaços profundamente marcados por relações sociais; que as imagens participam na construção pública da realidade; e que os métodos comparativos constituem ferramentas fundamentais para compreender instituições e políticas.

Conhecer sociologicamente a realidade significa, por isso, recusar explicações simplistas para problemas complexos. Significa deslocar o olhar dos sintomas para os processos, dos indivíduos para as relações sociais, das evidências imediatas para as estruturas que as sustentam. Significa igualmente reconhecer que este conhecimento pode e deve circular para além da academia, contribuindo para informar políticas públicas, práticas profissionais, ações comunitárias, projetos educativos e processos de cidadania.

Com este novo número dos *Cadernos IS-UP*, reafirmamos o compromisso com uma ciência social rigorosa, relevante e socialmente comprometida, capaz de contribuir para sociedades mais justas, reflexivas e democráticas. A Comissão Editorial continua a acolher, em permanência, propostas de artigos e dossiers temáticos, mantendo aberto este espaço de partilha e debate.

Desejamos a todas e todos excelentes leituras.

EDITORIAL CADERNOS IS-UP | 8

Lígia Ferro, Maria João Oliveira e Sílvia Correia
Institute of Sociology of the University of Porto

Editorial Board

We are pleased to present another general issue of *Cadernos IS-UP*, bringing together a set of works that bear witness to the vitality of Sociology and the Social Sciences in understanding contemporary societies and in reflecting on possible paths for their transformation.

In a context marked by the worsening of social inequalities, the persistence of multiple forms of violence, the weakening of rights, the precarisation of life and work trajectories, and the rapid pace of cultural, technological and institutional change, Sociology continues to assert itself as an indispensable tool for understanding the world we inhabit. Its importance, however, goes far beyond the description or interpretation of social phenomena. By giving voice to subjects, reconstructing trajectories, analysing institutions, questioning established categories and making visible power relations that are often naturalised or concealed, Sociology also contributes to imagining alternatives, sustaining processes of empowerment and promoting practices of intervention and social transformation.

The texts that make up this issue clearly illustrate this dual vocation: to understand social reality in all its complexity and, at the same time, to participate in its transformation in a reflexive and committed way. Drawing on contexts as diverse as the Maré favelas in Rio de Janeiro, a public school in the Indian state of Uttarakhand, the trajectories of children and adolescents engaged in child labour in Brazil, processes of socio-identity requalification, the popular festivities of Sobrado in the North of Portugal, the social complexity of organisational contexts, the history of photojournalism, and justice systems in Brazil and Canada, this volume highlights the diversity of objects, methods and problems that mobilise the contemporary Social Sciences.

In the article that opens this issue, Mariana Oliveira presents an ethnographic reflection on the so-called “knowledge of violence”, constructed by residents, students, teachers and workers who live, study or circulate through the Maré favelas. Based on a research trajectory developed between 2018 and 2026, the author shows how violence is not merely an external reality for individuals, but an embodied experience, interpreted daily through signs, sounds, movements and sensory forms of learning that guide the reading of risks and possibilities of movement within the territory. The article offers a relevant contribution to understanding the relationship between education, territory and urban violence, showing how access to school is conditioned by structural inequalities and by the everyday management of insecurity.

In the second article, Navaindu Joshi analyses the learning trajectories of 9th-grade students in a state public school in Uttarakhand, India. Through classroom observation and in-depth interviews, the author explores the strategies developed by young people from socially disadvantaged backgrounds to deal with the organisational and pedagogical challenges of school. The research shows that educational inequality cannot be understood solely through available resources or academic outcomes; it also requires attention to the ways in which students interpret, confront and negotiate everyday difficulties. The experiences presented reveal the articulation between gender, social class, migration, family work and school culture in the production of unequal opportunities for participation and learning.

The third text, authored by Larissa Viana, follows the life trajectory of Enzo, a Brazilian adolescent subject to socio-educational measures, in order to discuss the blurred boundaries between child labour, illegality and juvenile offences. Through an ethnographic approach, the author reconstructs a trajectory marked by housing precariousness, food insecurity, school dropout, police violence and insufficient social protection. The article challenges individualising interpretations of juvenile delinquency, demonstrating that the passage from “sweets to crime” does not result from a sudden rupture, but from ongoing processes of vulnerability. By highlighting the paradox of a young person who only gains access to certain fundamental rights when deprived of liberty, the author directly questions public policies.

In the fourth article, Maria Toscano reflects on the role of metaphors in processes of empowerment and socio-identity requalification. Drawing on experiences of research, training, social intervention and performative practices, the author proposes an understanding of metaphor not merely as a linguistic resource, but as a social practice capable of mobilising imaginaries, meanings and possibilities for action. By bringing together sociology, communication, embodied pedagogy and social intervention, the text highlights the relevance of narrative reconstruction in pathways of empowerment and change. It reminds us, in particular, that transforming living conditions also involves transforming ways of thinking, representing and projecting the future.

In the fifth article, Beatriz Moreira and Natália Azevedo analyse the cultural and identity dimension of the São João Festival of Sobrado, in the municipality of Valongo. Based on a qualitative approach combining interviews, participant observation, documentary analysis and close work with local actors, the authors explore this celebration as a community practice, living heritage and resource for local development. The study highlights the importance of tradition in the construction of territorial identities, while also addressing the challenges posed by tourist valorisation, heritage-making processes and questions of future sustainability. Between preservation and renewal, the festival emerges as a privileged space for reflecting on the relationships between popular culture, community and development.

In the sixth text, Jorge Ferreira invites us to rethink the place of the human in human resource management, advocating the integration of social workers into teams responsible for people management. In an organisational context marked by profound technological transformations and new challenges regarding mental health, diversity and inclusion, the author argues that social work can offer relevant contributions at ethical, relational and intervention levels. The essay challenges a strictly administrative view of human resource management and proposes an approach more centred on the well-being, dignity and recognition of the people who work in organisations.

In the seventh article, Marcelo De Franceschi dos Santos presents a historical analysis of the industrialisation of journalistic photography and its impact on ways of knowing and representing the social world. By tracing the different phases that marked the evolution of photography, from early artisanal experiments to its industrialisation from the late nineteenth century onwards, the author demonstrates how this process relates to broader scientific, economic, political and cultural transformations. The text emphasises that photojournalism should not be understood merely as a technological innovation, but also as a social form of producing and circulating visual knowledge, with a decisive role in the construction of the modern experience of the world.

Finally, Neblina Orrico discusses the potentialities and challenges of the comparative method in the Social Sciences, taking as a reference a study on gender and justice in Brazil and Canada. She revisits classical and contemporary contributions to comparative methodology in order to reflect on issues such as case selection, causality, generalisation and the articulation between qualitative and quantitative approaches. The author demonstrates that comparison consists in placing realities side by side, but also in constructing analytical categories that make it possible to understand both the similarities and the differences between social and institutional contexts.

Taken together, the articles gathered here, written by professionals in the Social Sciences, contribute to a Sociology attentive to the multiple scales of social life: from the body to the territory, from the school to the community, from the organisation to the State, from the image to justice systems. They also reveal the methodological richness that characterises the social scientific field, through the use of ethnographies, life histories, interviews, participant observation, theoretical essays, historical analyses and methodological reflections. This diversity demonstrates the capacity of the Social Sciences, and Sociology in particular, to understand the complexity of the social world.

The works now published show us that violence is learned and interpreted within territories; that educational inequality is constructed through everyday interactions; that child labour and juvenile offences are often inscribed in trajectories of lack of protection; that social change requires new narratives about what is possible; that popular festivities condense identities, tensions and collective projects; that organisations

are spaces deeply marked by social relations; that images participate in the public construction of reality; and that comparative methods constitute fundamental tools for understanding institutions and policies.

To know reality sociologically therefore means refusing simplistic explanations for complex problems. It means shifting the gaze from symptoms to processes, from individuals to social relations, from immediate evidence to the structures that sustain it. It also means recognising that this knowledge can and should circulate beyond academia, helping to inform public policies, professional practices, community actions, educational projects and processes of citizenship.

With this new issue of *Cadernos IS-UP*, we reaffirm our commitment to a rigorous, relevant and socially engaged social science, capable of contributing to more just, reflexive and democratic societies. The Editorial Committee continues to welcome, on an ongoing basis, proposals for articles and thematic dossiers, keeping this space for sharing and open debate.

We wish everyone happy readings.